O ESPAÇO DE MEMÓRIA EM BERKELEY EM BELLAGIO, DE JOÃO GILBERTO NOLL

MOURA, Paula Roberta Andrade De
Betita.ma@hotmail.com

SANTOS, Josiany Costa Dos
Zianycds@hotmail.com

VASCONCELOS, Emmanoel de Andrade
Manofilosofo@yahoo.com.br

MACHADO, Danilo Maciel. (Orientador)
Graduado em Letras Português – Espanhol, Mestre em História da Literatura, Profº.
Do Curso Letras – Português da Universidade Tiradentes – UNIT
danilo_let@hotmail.com

RESUMO

O romance, *Berkeley em Bellagio*, de João Gilberto Noll, traz a história de um sujeito à procura de si mesmo. Nele, o narrador-personagem repensa suas vivências e frustrações, em apenas um parágrafo, estratégia narrativa muito presente na contemporaneidade. Tomando como parâmetro de análise, *A Poética do Espaço*, de Gaston Bachelard, analisamos o espaço narrado em três instâncias dos espaços ficcionais: Berkeley, Bellagio e Porto Alegre. Os espaços narrados se convertem em *espaço de memória*, objeto de estudo deste trabalho. Para dar continuidade a está reflexão, analisamos a estrutura narrativa pelo viés de *O Narrador*, de Oscar Tacca, livro que conceitua o monólogo interior, ponto importantíssimo para conseguir perceber a estratégia narrativa utilizada pelo autor.

PALAVRAS-CHAVE: espaço, memória, monólogo interior, narrador-personagem

A obra de João Gilberto Noll, *Berkeley em Bellagio*, apresenta características fundamentais da narrativa contemporânea. O livro é escrito em um único parágrafo em que o narrador-personagem é apresentado imerso em reflexões acerca de sua vida.

O romance mostra a busca do narrador-personagem pela sua identidade e realização profissional. Nessa busca ele vai evocando lembranças que fizeram parte de sua vida, transitando em diversos lugares. O narrador tenta reconstituir o seu eu, procurando algo que lhe forneça um apoio para tentar construir um futuro e realizar-se profissionalmente.

Apoio que não encontra em Berkeley, onde viaja para trabalhar como professor de cultura brasileira. Lá vive relacionamentos amorosos que não lhe satisfazem, embora tenha um emprego. Bruscamente a narrativa muda de foco e o narrador-personagem agora encontra-se em Bellagio, começando a trabalhar em seu livro, porém continua frustrado na afetividade. Vive novamente relações que não lhe trazem nada, sempre a esperar delas algo que nunca chega.

Vale lembrar que Porto Alegre estará sempre em sua memória, sendo esta o fio condutor de toda narrativa.

Este trabalho tem como objetivo analisar a memória, o espaço e a consciência do sujeito, ampliando assim, o nosso grau de conhecimento acerca dos temas analisados, oferecendo não só aos estudantes do Curso de Letras como também aqueles que se interessarem pelo tema uma nova forma de aprendizagem em relação ao que podemos chamar de espaço-memorial e consciência do sujeito.

A nossa pesquisa é classificada como qualitativa do tipo bibliográfica, pois é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.

Esse tipo de pesquisa desenvolve-se ao longo de uma série de etapas. Seu número, assim como seu encadeamento, depende de muitos fatores, tais como a natureza do problema,

o nível de conhecimento que o pesquisador dispõe sobre o assunto, o grau de precisão que se pretende conferir a pesquisa.

A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia ser pesquisada diretamente. Esse tipo de pesquisa torna-se indispensável nos estudos históricos, pois em muitas situações não há outra maneira de conhecer os fatos passados se não com base em dados bibliográficos.

1. UM POUCO DA HISTÓRIA DO LIVRO BERKELEY EM BELLAGIO

O romance de João Gilberto Noll, *Berkeley em Bellagio*, retrata a vida de um homem, que vive em Porto Alegre, uma cidade onde viveu toda a sua infância e juventude. O narrador-personagem tenta encontrar seu lugar no mundo. Desempregado e sem família vai à busca de lugares que lhe são estranhos e para completar não fala a língua nativa.

Porto Alegre, por ser sua cidade de origem lhe traz recordações, as quais serão lembradas por todos os lugares que passará. As suas intimidades, medos e alegrias estarão presentes em seus devaneios. O seu amor por Léo e pelas ruas desta cidade são os principais pensamentos do seu eu interior.

A busca por um novo rumo, por um norte em sua vida, o faz partir para Berkeley, nos Estados Unidos, onde vai ensinar cultura portuguesa. Porém essa ida não o satisfaz, ele está só com suas dúvidas e incertezas que o perseguem.

Em Berkeley vive relacionamentos que não o satisfaz, os quais se apagavam simplesmente sem desejo ou mágoa.

A convite, foi chamado para escrever um romance em Bellagio, na Itália, onde se hospedou na Fundação Americana, ficando trancafiado e sem ninguém para conversar. Com

isso, suas recordações foram ficando mais aguçadas, a vontade de voltar a Porto Alegre ia aumentando.

Passaram-se os tempos e com ele os relacionamentos amorosos frustrantes que tivera nesse país, pois o mesmo não conseguia esquecer-se daquele que tivera com Léo.

Contudo, sua intimidade com a língua inglesa o faz querer voltar a Porto Alegre, pois o mesmo já estava perdendo sua identidade, suas raízes e conseqüentemente prejudicando seu trabalho. A partir daí volta a Porto Alegre mesmo com medo de não reconhecer o lugar que tanto ama.

Chegando lá percorre as ruas e as lembranças se avivam em sua mente, ele espera se reconciliar com sua cidade de origem. Em seguida, vai ao seu apartamento onde reencontra Léo, reatando os seus vínculos amorosos.

Para sua surpresa Léo apresenta sua filha, Sarita, e o narrador-personagem acaba dividindo a paternidade com o mesmo. Esse encontro com a menina faz o protagonista restabelecer intimidade com a língua portuguesa e se reencontrar consigo mesmo.

A obra *Berkeley em Bellagio* de João Gilberto Noll tem na memória espacial o seu eixo fundamental.

A narrativa fundamenta-se na memória e no espaço. Utilizando esses elementos o narrador constrói um mundo onde projeta frustrações, emoções e desejos. Espaço e memória moldam as percepções que o personagem utiliza para refletir suas vivências.

Diante dos pressupostos analisados, fruto de pesquisa teórico-bibliográfica, investigaremos a consciência do sujeito dentro de uma perspectiva espaço-memorial, utilizando como base teórica *A Poética do Espaço*, de Gaston Bachelard, e *O Narrador*, de Oscar Tacca.

A primeira abordagem a ser estudada na obra de João Gilberto Noll, *Berkeley em Bellagio* é o espaço. Este se converte na memória do narrador em um mundo de cogitações e

ilusões, é quase que impossível dizer qual o espaço mais importante, se o físico onde o narrador está situado ou o memorialístico.

Embora o narrador-personagem esteja situado em locais fixos, poderíamos dizer que o espaço é ficcional, é fio condutor da narrativa. É como se o narrador estivesse em todos os lugares e em nenhum ao mesmo tempo, ora ele está em Berkeley, ora em Bellagio, porém, em seus devaneios voltará sempre a seu espaço de origem, Porto Alegre.

Tomando como ponto de referência a obra "A Poética do Espaço", podemos fazer uma leitura do *corpus*. Na poética, Bachelard analisa a casa e propõe que nela há um universo de intimidade e imaginações que perdurarão para sempre na memória do narrador. Ele diz que "A casa é o nosso primeiro universo, nossa intimidade vagueia por porões e sótãos esquecidos" (2000, p.24).

Os abrigos, os refúgios farão a criatura sonhar com a sua primeira casa. Evocando corredores, memória e imaginação se confundem.

As diversas moradas se entrecruzam na busca da casa ideal, essa por sua vez, está sempre sendo retomada no *corpus*, pois é ela que dá segurança ao narrador de enfrentar os obstáculos, com a esperança de um dia voltar para essa casa cheia de idealizações, onde o mesmo guarda as suas mais íntimas recordações.

Ele busca se reencontrar com essa casa que se faz presente em Porto Alegre, para assim, vivenciar novamente as mais lindas lembranças que nem mesmo o tempo é capaz de apagar.

Os sonhos se encarregarão de nos fazer escavar esses tesouros íntimos escondidos na memória. Toda uma psicologia do espaço que quando morada, trará a tona as menores reminiscências da vida.

É como se casa e habitante fossem indissociáveis. Os porões, os sótãos, os cantos e os corredores serão as partes que mais marcarão a casa. Neles estará patente a solidão, a reflexão

e as intimidades. As lembranças mais importantes estarão nesses recônditos, nesses espaços onde desfrutamos a solidão são indeléveis em nós.

Podemos dizer que há uma quebra nos limites espaços-memoriais. O presente, o passado, o futuro e o desejo misturam-se fazendo da narrativa algo denso e incerto. Não há uma preocupação com o tempo cronológico e a ordem narrativa.

O cosmos ganha símbolo de intimidade e os fenômenos da natureza fazem contraposição a idéia de segurança da casa, que agora é personificada em mãe. Como vemos nesse trecho de Gaston Bachelard: "Considera-se a casa o germe da felicidade central, segura imediata. Porque a casa é o nosso canto do mundo. Ela é como se diz amiúde, o nosso primeiro universo" (2000, p.24).

Para o narrador de *Berkeley em Bellagio* a casa, enquanto espaço, se transfigura para dimensões infinitas na consciência do indivíduo, ela não é somente o espaço físico, pode ser também a consciência do narrador, pois este sempre está a recordar desta casa que tanto o faz sentir-se bem e feliz, é nela que ele deposita todas as suas angústias e inquietações. Podemos observar um exemplo dessa personificação nesse trecho que trata de Porto Alegre:

> Ele só tinha mesmo o que olhar na sua Porto Alegre, nessa cidade por onde a cada caminhada costumava descobrir, por entre as ruas de história ainda incipiente, novos focos de resistência da memória fosse como fosse a sua – esta mesma, cuja a nascente quase se dissolve de uma vez por todas ao levar os choques insulínicos na adolescência. (NOLL, 2003, p. 22).

Essa transfiguração acontece também em Berkeley, como podemos observar.

> Ele caminhava entre esquilos pelo campus de Berkeley e pensou que não adiantava se lembrar de quase nada; precisava mesmo era ir à ação, falar inglês, testemunhar nessa língua a todos que pudessem se interessar por sua vida. Quase ninguém naquela terra, era verdade, não podia negar – mas com o passado dos verbos irregulares e expressões idiomáticas nos lábios. (NOLL, 2003, p. 11).

Vejamos também em Bellagio.

> Antes de deitar ligo o radinho que trouxe do Brasil, sabendo que aqui eu teria vida de convento, sem TV ou rádio no quarto, sem nada que me dispersasse da séria tarefa a que me propus: um livro que se produz quase sozinho – é só sentar à frente do meu laptop e pronto, lá vem a história que eu não conhecia ainda, é isso a história que eles querem que eu faça. (NOLL, 2003, p. 70).

A dúvida e a incerteza marcam o narrador quanto a seu futuro, o mesmo não sabe aonde ir, o que fazer e aonde chegar. Essas inseguranças fazem com que o mesmo opte por decisões que serão ímpares em sua vida. Ele tenta buscar algo e ao mesmo tempo se aprisiona no seu eu, tentando fazer de Berkeley e Bellagio o seu universo imaginário, pois ele só tem um pensamento fixo: Porto Alegre.

Isso marca o narrador perdido no espaço, indeciso, com medo de encarar a realidade, de prosseguir e ir à busca de seus ideais, ele ainda tenta se transfigurar para outros extremos, tenta fazer a sua ida a essas duas cidades o seu recomeço de vida, porém, se engana ele está preso em sua cidade de origem, em todos os sentidos.

O trecho a seguir é exemplo disso:

> Eu vou, eu vou embora para um lugar que ainda não foi feito e que me espera entre a sombra da torre do convento ao norte e a velha figueira ao sul, há mais de século sem se opor a nada; por onde vou, meu Deus, com que cuidados, se aqui por onde penso que entro mais me fixo, gelado? (NOLL, 2003, p.16-17).

Esse estado de espírito cria no narrador o que Bachelard chama de imensidão íntima que seria a capacidade de expandir as intimidades do ser. A imensidão está em nós. Somos capazes de expandir nossas memórias.

Bachelard diz que a “Imensidão é o movimento do homem imóvel” (2000, p.190). Quando estamos imóveis nossa imaginação se expande, o nosso mundo interior é inesgotável, sempre estamos dialogando com nós mesmos e com o mundo, e assim construindo nossos valores, crenças e frustrações.

Segundo Bachelard, “Na alma relaxada que medita e sonha, uma imensidão parece esperar as imagens da imensidão. O espírito vê e revê objetos. A alma encontra no objeto o ninho de uma imensidão”. (2000, p.196).

A imensidão íntima é derivada do devaneio, às vezes são essas percepções interiores que dão significados ao mundo que vemos. O narrador-personagem do *corpus* entra nesse mundo do devaneio, pois é nele que estão as suas fantasias e alegrias. Com isso, ele mergulha

nesse mundo ilusório. Por onde quer que ande vai está sempre exaltando em sua memória, as lembranças vividas em sua cidade de origem, porque é nela que ele se sente seguro, é como se ela fizesse parte do seu corpo, como se tudo que visse e tocasse remetesse a ela.

Podemos perceber essa característica no trecho a seguir que denuncia a dificuldade em situar a consciência espacial do personagem.

> Eu viveria, um pouco com Edwin, um pouco em Paris, passagens pelo Rio, São Paulo, talvez no próximo fórum Mundial em Porto Alegre eu aparecesse na caminhada pela Avenida Borges de Medeiros com um cartaz em inglês, é óbvio, para que ninguém perdesse a minha mensagem pedindo pelos povos que ainda estavam por vir. (NOLL, 2003, p. 58).

O espaço na consciência do narrador ganha dimensão universal, a memória adquire mobilidade em suas lembranças guardadas. Essas fazem com que o narrador volte sempre a sua cidade de origem para recordar seus momentos, sejam eles bons ou ruins, de alguma forma é como se o narrador estivesse em busca do tempo perdido, que ele vive ou viveu mal.

Sempre falta algo para ele, seu emprego não garante nenhum futuro feliz, é como se essas lembranças íntimas estivessem guardadas no sótão e no porão de sua casa ideal, Porto Alegre. Por isso que o narrador-personagem não consegue se desligar desse passado fica sempre o evocando na tentativa de uma reaproximação, que para ele é fundamental.

Segundo Bachelard “No sótão a experiência diurna pode sempre dissipar os medos da noite. No porão há trevas dia e noite”. (2000, p.37).

O sótão como o porão representa as lembranças mais íntimas da casa. É onde se vive a solidão, medos e decepções. Geralmente este é um lugar escuro, abafado, esquecido, porém quando recebe a luz do sol, pode deixar escapar mil recordações.

O sótão no *corpus* seria a vida que o narrador – personagem levou em sua cidade de origem, Porto Alegre, este sempre está a recordar esses momentos, sejam eles como foram, pois é a partir deles que o mesmo faz o seu porto seguro. São esses que vão dá forças para ele suportar a distância e buscar o que almeja, mesmo sabendo que uma parte de si está lá. Observemos no trecho a seguir:

> Quando caiu junto à porta do banheiro, Léo socorreu-o num instante e sua força era tanta que ele, que caminhava agora pelo campus da Universidade da Califórnia, em Berkeley, preferiu parar para ter certeza de que nenhum mal-estar lhe ocorreria enquanto estivesse numa terra estranha sem falar a língua do lugar. Claro, sabia pedir um sanduíche, uma coca, algo assim, mas no mais falava com seus alunos de cultura brasileira em português. (NOLL, 2003, p. 11).

Já o porão teria mais profundidade que o sótão. Seria mais sombrio, mais profundo, o porão seria o inconsciente. Berkeley, Bellagio e suas incertezas, essas dúvidas que causam medo, a insegurança de estar em lugares diferentes, que fazem o personagem se reprimir, pois o mesmo está longe do que ama, seja Léo ou ainda sua querida Porto Alegre. Observemos essas características no trecho a seguir:

> Ele precisava mesmo era correr atrás do que o manteria inteiro, ou então que caísse novamente à porta do banheiro, vítima de um aneurisma nada comprovado, e sem ter Léo para ajudá-lo, levá-lo até o pronto-socorro mais próximo e se encarregar dele pelo resto de uma relação já a ponto de apagar. De fato, aquela assistência de Léo ao seu corpo temporariamente combalido era uma desdobrada despedida. (NOLL, 2003, p. 13).

É difícil a relação entre interior e exterior, às vezes o interior pode aprisionar o exterior e vice-versa. O ser então se sente deslocado no mundo e mantém correlações com ele. Acontece de não sabermos se vamos para o centro ou se nos evadimos dele.

Essa dialética visa determinar o ser e aprisioná-lo de algum modo. Este é um mundo de discursos infinitos. O vazio é a possibilidade de desdobramento do ser, é nessa opacidade que se dará toda uma ontologia.

No confronto do ser do homem com o ser do mundo, nascem espetáculos de infinita grandeza, estabelecem-se dunas e esperanças. O ser não se prende a nenhum espaço, mas dialoga com todos e com nenhum.

Não há para ele nenhuma delimitação geográfica, ele faz o desconhecido e é o desconhecido, desse modo proporciona o movimento imaginativo do homem. Este, ao se reconhecer como ser pensante, cria suas grandezas e limitações, numa dialética tal, que finalmente se transfigura em universo.

Segundo Bachelard: “Por vezes, é estando fora de si que o ser experimenta consistências. Por vezes, também, ele está, poderíamos dizer, encerrado no exterior”. (2000, p. 218).

O mundo interior do protagonista é maior do que o próprio universo, embora estabeleça uma relação com os lugares, a dialética do narrador consigo mesmo é o ponto mais importante do diálogo, esse remete ao discurso indireto livre, que é usado pelo protagonista para narrar à história.

O narrador reproduz não somente as falas dos personagens, mas também, as que os mesmos não reproduzem, porém pensam, desejam e sonham. É como se o protagonista se apropriasse do mundo íntimo das personagens (seus ideais, sentimentos e reflexões).

> Os plenos poderes do narrador omnisciente permitiam-lhe um livre trânsito entre o visível e o invisível. Todos os dados lhe eram ilícitos, independentemente da sua procedência: informação, confidência, descoberta, suposição. A reacção contra a potestade omnisciente concentra-se, particularmente, na visão anti-natural e artificiosa do narrador dotado de ubiqüidade temporal e espacial.(Tacca, p.70).

O sentido do discurso indireto livre varia entre a subjetividade e a objetividade, este aproxima narrador e personagem, dando a sensação que existem dois personagens, um que fala em primeira pessoa e outro em terceira, porém essa característica é muito marcante nesse tipo de discurso, ela faz com que o leitor se confunda. Entretanto no *corpus,* o narrador é em primeira pessoa, pois o mesmo é também personagem, traçando as aventuras da sua própria vida. Como podemos observar nesse trecho:

> Em meio às divagações sem fim, na última fila, a controlar de tempos em tempos os vultos dos alunos por trás, eu me perguntava quem estava ali de fato interessado por esses quadros de miséria afastados de seus cotidianos quase principescos. O que fariam com essas imagens que para eles deveriam reverberar como campos de refugiados de todo o azar do planeta? (Noll, 2003, p. 18-19).

É nesse contraste em que vive o protagonista que o faz se evadir entre objetivo e subjetivo, fazendo com que ele se contraponha no seu próprio interior e também por vezes no exterior. Ele vai fazer desses momentos o aprisionamento do eu, fazendo com que o seu íntimo permaneça sempre preso as recordações do passado.

Bachelard propõe que a contraposição entre interior e exterior é capaz de criar imagens poéticas significativas. Ora o exterior é prisão, ora o interior é a imensidão.

Ao buscar o exterior o personagem envolve-se no mundo do sonho, o seu interior fica preso ao passado, as lembranças, ele mergulha nesse universo procurando se reencontrar, pois o homem que ali está já não se reconhece. É como se essas mudanças, tanto físicas como sentimentais fossem perdendo o seu encanto.

É com essas lembranças que ele tenta construir um mundo no qual se reconheça, no qual sua identidade enquanto ser pensante encontre eco. Nessa dialética, a memória se torna um espaço fundamental.

A dialética do exterior e do interior cria uma geometria que sempre está dialogando com o ser, tentando localizar os limites desta através dos movimentos do mesmo, é estabelecida a dimensão onde todo problema interior assume uma firme não simetria.

A memória nos convida a espacializar e desespacializar os anseios íntimos do narrador. Notamos que nesse trecho aparece explícita a dialética do interior e exterior:

> Quem é esse ragazzo, hein? E quem será esse homem aqui que já não se reconhece ao se surpreender de um golpe num imenso espelho ornado em volta de dourados arabescos, um Senhor chegando à meia-idade? E se ainda quisesse algum prazer da carne, a hora era essa, o ragazzo o esperava desde sempre, estava ali a postos. (NOLL, 2003, p. 29).

Em *Berkeley em Bellagio* a voz do narrador é um eixo importante, pois ele tem o dever de informar os acontecimentos de forma nítida. O narrador tem que fazer com que o leitor se debruce no mundo do romance, para que assim possa compreendê-lo. Como diz Oscar Tacca:

> O narrador não tem uma personalidade, mas uma missão, talvez nada mais do que uma função: contar. Cumpre-a bem na medida em que não se afasta dela: na corporação do relato está-se sempre pronto para o declarar fora de acção. Maior esforço exige distinguir – quando coincidem – narrador e personagem. (1983, p.65).

Dentro do *corpus*, o narrador ocupa papel de relevância, pois é narrador-personagem, abandona o formalismo e reproduz a incoerência da sua desordem interior. Esse papel de narrador-personagem toma uma grande dimensão, pois o mesmo narra os acontecimentos de

sua própria vida, sem medo de esconder os acontecimentos que viveu e vive. Podemos perceber nesse trecho:

> Volto a Porto Alegre e vou morrer sozinho com meu inglês saindo aos borbotões inutilmente; ninguém virá com tradutor em minha casa, mesmo que eu esteja no meu leito de morte; e depois, de que adianta dormir em minha cama se quando acordo não tenho ninguém pra quem dizer bom-dia, até amanhã talvez? Armo um sorriso para a menininha afegã ou avizinhada, ela não responde, eles são sérios, não digo sérios, mas vivem no semblante essa tensão da mudança de país. (NOLL, 2003, p. 81).

Do ponto de vista estrutural a narrativa contemporânea de Noll, *Berkeley em Bellagio*, possui apenas um parágrafo e a ausência de divisão de capítulos. A obra é um exemplo de monólogo interior, pois o autor fala consigo mesmo. Este tipo de diálogo vai ser recorrente no século XX, principalmente no final deste.

Esta forma narrativa está impregnada de certa angústia, sobre a condição de existir e sobre as incertezas do mundo. Jogado nessas dúvidas o narrador tem uma visão de mundo e quer compartilhar com o leitor. Como disse Albert Camus: “Todo grande escritor traz consigo seu mundo e sua prédica”. Está é a condição fundamental para a permanência do narrador: compartilhar.

Enquanto compartilha vive, e faz de sua angústia a angústia do leitor. No monólogo interior, o eu se desdobra em dois, um que fala e outro que escuta. Nessa dialética projeta suas imagens, ilusões e esperanças. Ele não tem medo de expor sua vida, nem o que aconteceu com ela, pelo contrário esse dialoga consigo mesmo, fazendo desse diálogo o seu mundo interior e exterior.

Seja como for a escrita, o monólogo existe por e para o leitor, na medida em que este se reconhece enquanto sujeito interpretante. No *corpus* o narrador-personagem dialoga consigo mesmo, fazendo em um único parágrafo reflexões sobre sua vida, seu trabalho e seus relacionamentos. Essas reflexões acontecem a todo instante, pois o mesmo não consegue se desligar do seu passado, este vive o passado como se fosse o presente, dialogando assim com a sua própria existência. Observaremos esse diálogo no trecho a seguir:

> Olho o meu corpo, vejo que continuo o mesmo, uma quimera em carne viva, louco como em Porto Alegre pra me jogar na cama e meditar sobre a delicadeza de um outro homem, dessa vez é Edwin – e pensar que a máfia em Nova York não cravou suas marcas no seu gênio! E o que ele sabia me contar além da música era isso: à noite, ele dizia brincando com sua gravata italiana. (Noll, 2003, p.63).

No *corpus* o personagem divide-se em três momentos nos quais o sujeito encontra-se fragmentado e deslocado não conseguindo encontrar-se consigo e com o outro. No primeiro momento ele está em sua cidade de origem, Porto Alegre. Uma cidade cheia de lembranças. Entre as ruas havia focos de resistência de sua memória, um lugar onde não tem nenhuma expectativa de vida, ele está à procura do seu eu, da sua identidade, é desempregado, sem endereço fixo, e vive uma relação íntima com Léo.

> Léo, o homem a quem costumava chamar de namorado mas que lhe era bem mais, um parceiro de cuja ardência ainda lhe vinham certos laivos: um fluido indeciso, de repente inundando-o todo, sumindo de repente, sempre escorregando de sua própria mão que pretendia por vezes segui-lo, tocá-lo, fechá-lo entre os dedos – prendê-lo na boca. (NOLL, 2003, p. 9).

A busca por um futuro o faz deixar essa vida pacata, deparando-se com lugares que nunca imaginou está, lugares como Berkeley e Bellagio, onde o narrador-personagem viverá novas experiências, tanto no trabalho como afetivas.

Cidades obscuras, onde o mesmo tinha que encontrar seu caminho. Não havia ninguém, estava só, porém em seus devaneios recordava sempre sua cidade de origem. Era esta que o fazia reviver a cada dia, na esperança do retorno, de um novo homem, agora com desejos e realizações.

Já no segundo momento, ele é convidado para ensinar cultura brasileira em Berkeley, mesmo com medo, pois não falava inglês, e por estar distante da sua querida cidade, Porto Alegre, encarou.

Ele sabia que essa era sua oportunidade de buscar novos conhecimentos. Contudo a saudade da vida remota era imensa. Mesmo que ele tentasse fugir dessas recordações, não conseguia, pois estas faziam bem, era como se o mesmo ressurgisse a cada dia. Como podemos observar nesse trecho:

> À primeira vista nada saía do lugar, ele próprio parecia estagnado desde que viera para um país do qual não falava a língua, mantendo uma distância gentil de seus alunos. Mas, ora, também eles com o inglês disponível e tudo que todos pareciam possuir em volta, ninguém no fundo dava a impressão de estar em gozo com a vida. (NOLL, 2003, p. 12).

Lá teve relacionamentos fortuitos, suas aulas de cultura brasileira fazia-o sempre lembrar do Brasil e principalmente de Porto Alegre. Essas eram a sua salvação, pois falar do Brasil era falar dele mesmo. Observemos o trecho a seguir:

> Dando cursos sobre Clarice, Graciliano, Raduan, Caio, Mirisiola e alguns ouros, mais alguns cursos sobre MPB, quando ele cantava, ele que gostava de cantar desde pequeno, cantava sobretudo bossa nova e tropicália como um emissário de pérolas brasileiras que os alunos americanos pareciam receber com a efusão conveniente às melhores notas. (NOLL, 2003, p. 14).

Em seguida, é convocado para escrever um livro em Bellagio, apesar das saudades que sentia da sua casa de origem, e do caso que tivera com Léo, ele persistiu na sua ida, pois sabia que se voltasse para o seu lar, não teria condições de se sustentar e crescer intelectualmente, como escritor e professor, aquela era sua chance, era o único meio de progredir e tornar-se respeitado, como podemos observar nesse trecho:

> Não, ele não queria voltar ao exterior para morar, ah, não, apenas cultivava um convite, que lhe caíra do céu, de trabalhar no seu novo romance por um largo tempo em Bellagio, aldeia nas proximidades de Milão, junto ao lago di Como, rodeado de montanhas com picos nevados; Bellagio por onde ele andava agora com saudades do caso que tivera com esse rapaz e que acabara de se extinguir (ou não) – ah, a sua memória depois da queda! (NOLL, 2003, p. 21).

Nessa cidade o personagem vive isolado do mundo, não vê ninguém, não escuta barulho, a sua salvação foi um rádio, que o mesmo trouxe de Porto Alegre. Isso o fazia lembrar cada vez mais da sua querida cidade. Eram essas recordações que o fazia renascer a cada dia, era como se elas fossem o remédio de tanta angústia, medo e frustração.

Viveu também muitos casos amorosos. Casos estes que não tinham sentimento nenhum. Claro que ele procurava algo que o prendesse, porém o seu pensamento era Léo, aquele homem cúmplice, amigo, enamorado. Nas festas percebeu que estava íntimo da língua inglesa, já que era o único meio que o personagem tinha para se comunicar.

Essa intimidade com a língua inglesa o fez perceber que estava se desligando de sua língua materna, a língua portuguesa, fazendo o mesmo tomar uma decisão, regressar ao seu

país de origem, mesmo sem ter a certeza que tudo que ali deixara ainda lhe pertencia, seu relacionamento com Léo, seus amigos, sua casa e suas oportunidades de trabalho.

A busca pela realização íntima levou o narrador a vivenciar relações fugazes, que não acrescentaram nada à sua vida. Tendo sempre na memória sua cidade de origem, Porto Alegre, ele encontra-se finalmente consigo mesmo quando se reencontra com Léo e principalmente quando conhece Sarita, a partir daí começa a construir seu futuro.

O ser humano na busca de anseios que venham elaborar uma conduta que garanta sua sobrevivência necessita a todo o momento repensar ações, posturas, valores, sentimentos e hábitos. Tudo isso transfere informações, questiona o passado e analisa o futuro. Interpreta a realidade e interfere nela.

O desenvolvimento e a maturidade fazem com que haja uma determinação dotada do pensamento lógico e capaz de construir estratégias que o levarão aos resultados desejados. Pelo senso crítico tem condições de distinguir o prioritário do acessório, o indispensável do acidental. Sua criatividade viabiliza respostas novas e, não raro, encaminha soluções inusitadas.

Essa possibilidade do homem desenvolver a todo o momento estratégias inusitadas para enfrentar questões com que se defronte, existe graças à capacidade de acumular experiências e estabelecer relações.

A inteligência, as emoções, a criatividade são características que junto às outras interagem entre si e com o meio de forma dinâmica e permanente, em cada indivíduo criando-se uma pessoa única, específica e inigualável. Tudo isto está fundamentado no amadurecimento do homem como pessoa humana, sendo lapidada para demonstrar sua postura na sociedade em que vive.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

NOLL, João Gilberto. *Berkeley em Bellagio*. São Paulo: Francis, 2003.

TACCA, Oscar. *As vozes do romance*. Coimbra: Livraria Almeida, 1983.